

Campos Neto vê incertezas no cenário externo



No telão, o ministro Fernando Haddad discursa em evento do G20, ao lado do presidente do BC, Roberto Campos Neto; abaixo, os presidentes do Banco Mundial, Ajay Banga, e do banco dos Brics, Dilma Rousseff, a diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, e o presidente do BID, Ilan Goldfajn. (Imagem: Zeca/Agência Focusto)

Há incerteza externa, e não temos visibilidade à frente, diz Campos Neto

Em Washington, presidente do BC afirma, ao lado de Haddad, esperar juro global alto por mais tempo

Fernanda Perrin

WASHINGTON O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou nesta quinta-feira (18) que há incerteza no cenário externo e que a autoridade monetária ainda não tem visibilidade do que vai acontecer à frente.

Falando a jornalistas ao lado do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no fechamento do encontro do G20 em Washington (EUA), Campos Neto disse que vê três caminhos possíveis hoje: uma volta à normalidade, um prolongamento da incerteza, e uma continuidade desse cenário a ponto de gerar uma reprecificação mais forte pelo mercado. "E aí temos uma ação e reação [pelo BC]", disse.

O presidente do BC, porém, não fez alusão à política fiscal em sua fala nesta quinta, embora tenha feito comentários sobre o tema em outros eventos dessa semana.

Campos Neto afirmou que o mercado está muito sensível a qualquer declaração sobre os rumos da política monetária dos EUA — o adiamento das apostas de corte de juros pelo Fed, o BC americano, provocou uma valorização do dólar, que chegou a atingir o maior valor em real no Brasil em mais de um ano.

Campos Neto repetiu, no entanto, que o BC deve intervir no dólar apenas para corrigir mau funcionamento dos mercados.

"Vimos que o processo de desinflação [global] foi reprecificado, e agora passamos a uma fase em que vemos uma probabilidade maior de ter taxas de juros mais altas [no mundo] por mais tempo. Também vinhamos alertando que a dívida do mundo desenvolvido vinha subindo muito", afirmou, sobre a leitura que já vinha sendo expressa pelo BC em seus comunicados.

"Vinhamos alertando que isso poderia implicar em algum momento um custo de rolagem muito alto [da dívida], ainda que o mundo tenha muita liquidez, podemos ter em algum momento reversão que acabe gerando menor liquidez no mundo emergente".

Questionado sobre o impacto desse cenário na trajetória dos juros no Brasil, Campos Neto disse, em resumo, que é preciso esperar para ver. Ele ressaltou que ainda há pouca visibilidade e que o foco do BC vem sendo "dar a maior transparência o possível".

A próxima reunião do Copom acontece em 7 e 8 de maio. Com a turbulência na última semana, o mercado reajustou as expectativas para um corte menor, de 0,25 ponto percentual da Selic, em vez de 0,5 ponto. A taxa está atualmente em 10,75% ao ano.

Contribuíram para a revisão de expectativas a mudança na meta fiscal brasileira de um superávit de 0,5% do PIB em 2025 para zero. Tendões no Oriente Médio, com o ataque a Israel pelo Irã, e a postergação das apostas de corte de juros pelo Fed, também mudaram a leitura do mercado financeiro.

Haddad, por sua vez, destacou que a mudança na rota do Fed pegou o mundo de surpresa, uma vez que o BC americano vinha sinalizando desde o ano passado um corte mais cedo dos juros do que o esperado agora.

"Quando saiu a inflação brasileira de março, saiu na hora depois a americana. Se você pegar o que aconteceu com o mercado nessa meia hora, dá para entender bem a mudança de humor", disse o ministro.

“Vimos que o processo de desinflação [global] foi reprecificado, e agora passamos a uma fase em que vemos uma probabilidade maior de ter taxas de juros mais altas [no mundo] por mais tempo. Também vinhamos alertando que a dívida do mundo desenvolvido vinha subindo muito”

Roberto Campos Neto presidente do BC

“Quando saiu a inflação brasileira de março, saiu meia hora depois a americana. Se você pegar o que aconteceu com o mercado nessa meia hora, dá para entender bem a mudança de humor”

Fernando Haddad ministro da Fazenda

ta quinta acompanhados da secretária de assuntos internacionais da Fazenda, Tatiana Rosito, e do diretor de assuntos internacionais do BC, Paulo Picchetti.

Os dois saíram juntos da última reunião do dia no FMI e conversaram rapidamente, mas, incomodados com a presença da imprensa ao redor, encerraram o papo. Ao ser interpelado por jornalistas, o ministro reclamou que já havia dado diversas entrevistas. "Não conversar com o Roberto eu pude".

Durante a manhã, o ministro presidiu, ao lado de Campos Neto, a segunda reunião da trilha de finanças do G20. O tema do encontro foi a reforma dos bancos multilaterais. No discurso de abertura, Haddad defendeu a capitalização dos organismos e maior representatividade de países emergentes (leia o lado).

O ministro também afirmou que o Brasil está trabalhando na formulação de um roteiro para tornar os bancos "melhores, maiores e mais eficazes". O documento será submetido para aprovação do G20 na quarta reunião do grupo, em outubro.

Antes da reunião, ele se encontrou com o ex-presidente Dilma Rousseff em seu hotel. A petista preside o New Development Bank (NDB), conhecido como banco dos Brics. Depois da reunião do G20, Haddad teve um encontro com o senador americano Bernie Sanders, em que discutiram a proposta brasileira de taxação dos super-ricos.

Ao lado do brasileiro, Sanders disse que "apoiava fortemente" a agenda brasileira e que vai fazer tudo o que puder para que o governo Joe Biden faça o mesmo. Também participou do encontro a deputada democrata Ilhan Omar. Haddad antecipou seu retorno ao Brasil para a noite desta quinta. A viagem estava inicialmente prevista para o fim da tarde de sexta, mas, segundo a Fazenda, o ministro voltaria antes "tendo como foco a agenda econômica em Brasília e negociações com o Congresso envolvendo os projetos de interesse do governo".

Dólar fecha em leve alta após dados de emprego nos EUA e comentários do Fed

Apesar de ter começado o dia em leve queda, o dólar virou e registrou alta ante o real após novos dados de seguro-desemprego e comentários mais conservadores de membros Fed (Federal Reserve, o banco central americano) que esfriaram ainda mais as apostas sobre um possível corte de juros nos EUA. No fim do pregão, a divisa desacelerou os ganhos e terminou o dia com valorização tímida de 0,15%, cotada a R\$ 5,250. Pela manhã, o Departamento do Trabalho americano informou que os pedidos iniciais de auxílio-desemprego ficaram inalterados em 212 mil na semana encerrada em 13 de abril. A previsão de economistas consultados pela Reuters era de 215 mil, e os novos números foram lidos como um sinal de manutenção de força da economia americana. Além disso, o presidente do Fed de Nova York, John Williams, disse durante a tarde que a situação sólida da economia dos Estados Unidos significa que não há motivos urgentes para reduzir os juros no momento. A Bolsa fechou o dia estável.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: P Pagina: 1